BRASIL E ANTICOMUNISMO: A ESCRITA DE UMA HISTÓRIA SOCIAL DO CINEMA

Camila Nascimento **AZEVEDO**[1]

VALIM, Alexandre Busko. *Imagens vigiadas: cinema e guerra fria no Brasil. 1945-1954.* Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.

Percorrendo diretrizes postas pela História Social "Imagens Vigiadas" problematiza a tríade: anticomunismo, Brasil e Estados Unidos durante o pós-guerra. Considerando relações políticas, culturais e econômicas entre os dois países, Alexandre Valim tem como fio condutor de sua pesquisa os meios pelos quais o anticomunismo fora propagado, identificando o cinema como um veículo fundamental na disseminação de ideias anticomunistas. As temáticas: cinema e guerra fria propostas no subtítulo do livro são inseridas numa ampla contextualização que procura relacionar as várias percepções existentes sobre o comunismo e as produções fílmicas do período abordado. Valim considerada tanto contextos culturais, sociais e econômicos mais amplos, cujo campo de atuação desconhece barreiras nacionais, como organismos locais com circuitos mais restritos. Fugindo assim daquilo que Jim Sharpe chamou de problema de ajuste que pode uma história com pretensões sociais, culturais ou econômicas assumir, por privilegiar apenas uma perspectiva. (SHARPE. 1992, p.54).

São objetos de análise do autor: as mensagens e o contexto de produção e circulação dos filmes, assim como a recepção das películas hollywoodianas pelo público brasileiro. Alexandre Valim utiliza um vasto conjunto de fontes composto por documentos oficiais, material produzido pela imprensa e uma riquíssima bibliografia que em nada deixa a desejar, especialmente quando utilizada como aporte metodológico. Todas as fontes utilizadas para composição da obra se cruzam e se complementam com uma harmonia que nos deixa evidente a familiaridade do autor com o tema.

A obra a que se dedica essa resenha é fruto da tese de doutorado de Valim, que foi graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá e doutorou-se pela Universidade Federal Fluminense em 2006. Fez pós- doutorado pela *School of*

[1] Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Journalism and Communication da Carleton University, no Canadá, onde continuou demonstrando interesse pela História do Cinema, que consiste em uma de suas áreas de atuação até hoje na Universidade Federal de Santa Catarina, onde leciona.

O livro é dividido em três capítulos, no primeiro capítulo, o autor situa o leitor quanto a vivência anticomunista estadunidense, especificando qual o papel que a religião assume na luta contra o comunismo dentro os Estados Unidos e qual posição o país acredita ter perante a possível expansão comunista pelo mundo. Ao abordar a interferência do governo estadunidense na produção cultural da época Valim reconhece a existência de traços totalitários em algumas instituições estadunidenses, como o Comitê de Atividades Antiamericanas – *House of Un-American Activities Committee* (HUAC) - que passa a classificar como subversivos filmes que de alguma forma passavam uma imagem positiva dos soviéticos.

O autor examina a importância de interpretar os filmes tendo em vista o contexto em que estes foram produzidos, por isso considera que os conflitos travados durante a Guerra Fria possuíam tanto um caráter global como regional. Dessa maneira, ainda no primeiro capítulo ganham destaque alguns eventos relacionados ao empenho de contenção da ameaça comunista. Entres outros acontecimentos, considera-se a influência de colocações como a de Winston Churchill sobre o avanço soviético no Leste Europeu, o papel do senador McCarthy e suas denúncias, além de apontamentos sobre como eram caracterizados e utilizados conceitos como o de americanismo e o ideal do *American Way of Life*.

O receio de que países considerados politicamente imaturos fossem atingidos pela ideologia comunista assim como a pressão intensa em torno daquilo que fora qualificado de "perigo vermelho" configuram uma importante contextualização do ambiente em que repressões, fossem elas culturais ou não, ocorriam.

No segundo capítulo, as mudanças fílmicas devido a ideologia anticomunista que se intensifica com no governo Truman são tratadas de maneira mais específica. Valim cita filmes como: *Mission to Moscow* e *The Boy from Stalingrad*, que sob a supervisão da Divisão Cinematográfica do U.S. representavam de maneira positiva os aliados durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com um documento traduzido pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), é a partir de 1947 que o discurso do Partido Comunista deve ser combatido e de maneira especial no circuito cinematográfico, que estaria sendo utilizado por "mentes subversivas" como meio de difusão das ideias comunistas. É dentro desse contexto que películas com mensagens

claramente anticomunistas como *Red Russia Revealed* e *I married a comunist* são incentivadas.

Interessante notar que a grande preocupação do governo estadunidense diante da produção cultural e sua circulação tanto nos Estados Unidos como em outros países, revela o reconhecimento da importância que naquele momento um combate no terreno intelectual assumia. Ao analisar a recepção dos filmes anticomunistas em solo brasileiro o autor leva em conta que sociedades distintas percebem de maneiras diferentes a ideologia transmitida pelas telas. Entretanto, não há como negar, salvo adaptações, a aceitação de determinados padrões anticomunistas pelas camadas mais conservadoras da sociedade brasileira.

Valim aponta ainda a existência de produções diretamente relacionadas a contendas políticas em voga, como o documentário *One year in Korea*, lançado exatamente no momento em que se discutia a participação brasileira na Guerra da Coreia. O anúncio de sua exibição teria estampado grandes jornais cariocas, como *Correio da Manhã*, *O Radical*, *A Notícia*, entre outros. É importante salientar que dentro dessa perspectiva, não são desconsiderados os interesses financeiros relacionados a exibição das películas no Brasil, país que representava um grande mercado para Hollywood, ficando atrás somente dos EUA e da Inglaterra.

Num segundo momento ganham destaque as reações comunistas, que nem sempre foram pacíficas, diante dos filmes produzidos. Os acontecimentos são descritos através de considerações feitas tanto por representantes da denominada "imprensa sadia" como o jornal *A Manhã*, quanto por colocações da dita "imprensa doente", como o jornal *Voz Operária*. Nesse sentido as representações sociais presentes nos filmes são visualizadas não só através das películas, mas também através da imprensa, ocorrências policiais e notas produzidas pelo próprio consulado estadunidense.

No terceiro capítulo entra em destaque a relação Brasil – Estados Unidos. O autor utiliza a ideia de transnacionalismo, onde consegue traçar linhas que nos levam a verificar a direta influência jurídica, política, cultural e até mesmo financeira dos Estados Unidos no combate ao anticomunismo no Brasil. Verifica-se a existência de uma constante comunicação entre o DOPS, a HUAC e o Ministério de Relações Exteriores. Utilizando fontes oficiais e midiáticas foi possível afirmar que o combate ao anticomunismo no Brasil possui mais similaridades do que diferenças se comparado com o estadunidense. Assim como nos Estados Unidos a religião não só exerce influência como também ajuda a caracterizar a ameaça vermelha, chegando inclusive a

recomendar filmes aos fiéis.

Apesar de previamente avisado nas páginas introdutórias do livro, o leitor pode sentir falta de considerações cinematográficas mais específicas. Não foram incluídas no livro a análise pormenorizada dos conteúdos fílmicos citados por Valim. A escolha de tal perspectiva preza por valorizar os muitos contextos de produção, recepção e circulação das películas, colocando em evidência a preocupação do autor com a elaboração de uma história social do cinema. Nesse sentido a articulação de toda análise proposta é feita a partir da dinâmica social onde as fontes utilizadas estão inseridas.

Dentro de uma avaliação mais ampla é possível perceber com clareza a existência de múltiplas representações visando o anticomunismo, assim como são variadas as maneiras como diferentes grupos recebem as produções que possuem mensagens anticomunistas. A interação das produções cinematográficas citadas por Valim com cada contexto social considerado se torna indispensável quando as fronteiras políticas e culturais que separavam a produção da recepção de muitas películas não são negligenciadas. Nesse sentido, é impossível negar a presença de um excelente aporte metodológico e um grande cuidado na seleção e utilização de fontes que são bastante peculiares em textos acadêmicos, porém todas as considerações realizadas por Alexandre Valim são muito bem amarradas numa narrativa que não deixa de ser interessante e envolvente para um público simplesmente curioso e interessado no tema. O livro é um convite a leitura e o leitor deve estar atento para perceber todas as sutilezas metodológicas.

Referências

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org). *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.

VALIM, Alexandre Busko. *Imagens vigiadas: cinema e guerra fria no Brasil. 1945-1954*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.

Recebido em 25/07/2011
Aceito para publicação em 03/11/2011